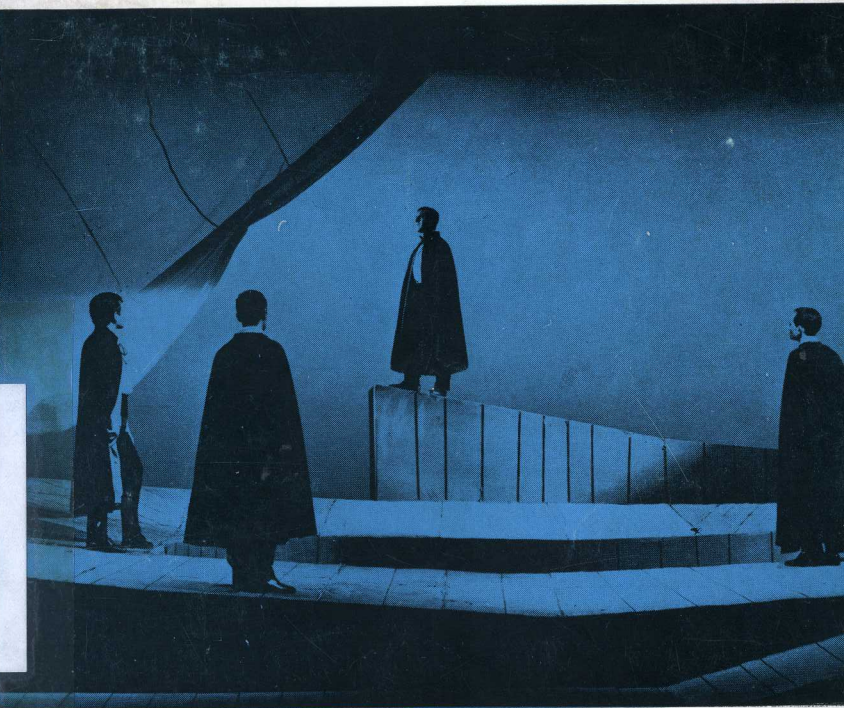


LUZIA MARIA MARTINS

BOCAGE

alma sem mundo



Publicações Europa-América





os livros das três abelhas

LUZIA MARIA MARTINS

BOCAGE — ALMA SEM MUNDO

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

*Texto baseado na compilação de documentos
de arquivos portugueses, espanhóis e ingleses*

*Transcrição integral de trechos
de European Travels,
de William Beckford*

Capa: Estúdios P. E. A.

© 1967, Luzia Maria Martins

*Direitos reservados
por
Publicações Europa-América*

«A ideia desta peça — que se pretende seja mais o retrato de uma época do que retalhos biográficos de Bocage — surgiu quando tive de consultar, para um trabalho que tinha entre mãos, vários documentos que se encontram em arquivos estrangeiros. Só dois anos mais tarde me seria possível contemplar a ideia de tentar realizar um espectáculo partindo da sugestão dada por esses documentos e por outros que, entretanto, fui coligindo. Tencionava apresentar a peça na altura dos festejos do bicentenário do nascimento de Bocage. Inúmeros compromissos de ordem profissional impediram-me, contudo, de terminar a peça — e a planificação da respectiva encenação — a tempo.

O tema podia, naturalmente, ser desenvolvido obedecendo a estruturas diversas, todas válidas. Optei pelo chamado «teatro narrativo» não só por ter sido incompreensivelmente ignorado pelo teatro português até agora, como também por um

motivo de ordem sentimental: em 1966, a Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa pretendeu apresentar um grande espectáculo segundo uma encenação do famoso director alemão Erwin Piscator. Comunicado o projecto a Piscator, este mostrou-se encantado com a perspectiva de ter um trabalho seu revelado ao público português. Infelizmente, por motivos totalmente alheios à decisão da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa, o projecto teve de ser abandonado. Três meses depois, Piscator falecia. Este espectáculo — Bocage — Alma sem Mundo (que se filia, como dissemos, no «teatro narrativo», que tanto deve a Piscator) — será apresentado como uma homenagem à memória do grande encenador.»

Estas palavras, escritas para o programa da peça, explicam, ainda que em termos breves, o binómio conteúdo-forma de Bocage — Alma sem Mundo. Há, contudo, uma razão igualmente forte por que a peça surgiu na altura em que surgiu (dado que a escolha do repertório da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa não é, nem jamais o foi, arbitrária). Há a circunstância de que, além de autora, sou a encenadora e a directora artística da Companhia. A acumulação destes dois últimos cargos dá-me uma perspectiva valiosa no campo da escolha de peças, visto que sou obrigada a conhecer o material humano de que a Companhia dispõe. Como o seu próprio nome indica, o conjunto que dirijo propõe-se explorar caminhos inéditos, ou, simplesmente, pouco uti-

lizados pelo panorama teatral português. Esperamos que o crescimento da Companhia (como conjunto, como equipa) e o dos actores (como senhores de uma técnica em pleno desenvolvimento) sejam simultâneos. Partindo da premissa de que há duas maneiras de servir o teatro — seguir, desenvolver e aperfeiçoar caminhos já explorados ou a tentativa da descoberta de novos horizontes —, podemos afirmar que, deliberadamente, escolhemos o segundo. Portanto, depois de dois anos e meio de trabalho ininterrupto, chegara a altura de — limadas certas deficiências técnicas basilares mas susceptíveis de emenda — tentarmos um trabalho sério num espectáculo que exigia uma entrega total por parte dos artistas a uma técnica que lhes era desconhecida: a do teatro narrativo. Bocage — Alma sem Mundo exigiu muito de artistas e técnicos. Era uma tarefa apaixonante e todos se mostraram à altura do que deles se exigia. Bocage — Alma sem Mundo demonstrou, creio, de modo iniludível, a seriedade e o espírito de equipa que dominam todos os componentes da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa.

O público correspondeu inteiramente ao esforço exigido por este espectáculo criado para um palco exclusivamente, uma indicação de que as tentativas, no campo experimental, podem ter um acolhimento favorável, o que é indício muito salutar da luta pela actualização do teatro português.



Como dramaturga, sou uma estreante — e os estreantes não têm história. Foi uma experiência extraordinariamente valiosa, na medida em que, pela primeira vez, como encenadora, sabia que não iria trair as intenções da autora. Penso que me aproximei bastante do Teatro como o entendo: uma fusão das artes; e isso constitui causa de justa satisfação para o meu espírito criador.

Espero que me seja dada a oportunidade de tentar novas experiências e de continuar a apresentar um teatro válido, adulto, responsável, que apele para a inteligência e para a sensibilidade do espectador. Quaisquer que sejam os resultados, adoptarei sempre o princípio socrático de que «só sei que nada sei».

«O resto» — como nos diz Hamlet — «é silêncio...»

LUZIA MARIA MARTINS

Intérpretes:

Helena Félix	{	MÃE VAGABUNDA
Joaquim Rosa	{	NARRADOR ANDRADE MARQUÊS DE ANEJA
Jorge de Sousa Costa . . .		WILLIAM BECKFORD
Mário Jacques	{	VAGABUNDO MARQUÊS DE MARIALVA
Cármem Mendes	{	GERTRUDES ANA MANTEIGUI CARLOTA JOAQUINA
Vasco de Lima Couto . . .		BOCAGE
Mário Sargedas	{	VOZ FUNILEIRO COUCEIRO PADRE ROCHA SOLDADO FRADE
Adelaide João	{	
Dario de Barros	{	PALHAÇOS
Lourdes Cabral	{	
Maria Manuela Cassola . .	{	D. MARIA I INGLESA DENUNCIANTE
Armando Venâncio	{	SARGENTO PINA MANIQUE
Luís Alberto	{	VAGABUNDO PRÍNCIPE REGENTE
Vítor Ribeiro	{	VOZ INGLÊS VASCONCELOS SOLDADO
José de Carvalho	{	ZÉ PEDRO DA SILVA ARCEBISPO DE TESSALONICA
Anny Quintas		ANTOÑITA

Maqueta do cenário: António Alfredo; *Cenógrafo:* Reynaldo Martins; *Figurinos de* Maria Leonor e Rosinda Gomes; *Guarda-roupa executado por* Fernanda Marques Martins e António dos Anjos Fonseca; *Colaboração da professora de baile espanhol* Celia Neves e do mestre de esgrima José Santos Silva; *Contra-regra:* Américo Monteiro; *Ponto:* Maria Custódia; *Carpintaria:* Joaquim Duarte de Oliveira.

Estreia: no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, a 21 de Abril de 1967.

PRIMEIRO ACTO

(Música.)

NARRADOR (*surge, vestido à actualidade e olhando o cenário enquanto caminha para a boca de cena*): Senhoras e senhores: esta noite fala-se de Bocage. Não explicamos — à guisa de desculpa falsamente humilde — a razão por que escolhemos uma apresentação que se filia no chamado teatro épico, ou teatro narrativo, tão do gosto dos nossos dias, do russo Meyerhold aos alemães Piscator e Brecht. Trata-se de um género muito explorado pelos dramaturgos e directores nossos contemporâneos, que, por sua vez, o foram buscar a Shakespeare, a Lope de Vega... Nada de novo sob o Sol... O conceito da originalidade é, afinal, uma ilusão de ignorantes. Que melhor plataforma para a análise de qualquer problema do que o palco de um teatro?

(*Os quatro palhaços, até aí de costas para o público e completamente imóveis, voltam-se.*)

1.º PALHAÇO: «O mundo inteiro é um palco» — Shakespeare.

2.º PALHAÇO: «As pessoas vão ao teatro em busca de entretenimento, mas quando saem vão mais ricas.» — Stanislavsky.

3.º PALHAÇO: «O Teatro é tão velho quanto o homem porque o jogo cénico é inerente à existência de qualquer ser humano.» — Jean-Louis Barrault.

1.º PALHAÇO (*depois de ligeira hesitação*): Eu vou ao teatro para me divertir. Para tristeza, já basta a vida... — Anónimo.

NARRADOR: Recorremos, no decurso deste espectáculo dedicado a Bocage, não só ao testemunho de documentos da época, como ao depoimento de grandes escritores. Nunca é de mais o uso da inteligência, mesmo que lamentemos tratar-se de uma inteligência alheia quando desejaríamos que fosse a nossa... (*Faz menção de se retirar.*) Já me esquecia... Não se trata de um folhetim. É apenas uma interpretação dos factos, uma crónica que pretende iluminar uma parcela ínfima do talento multimodo de um temperamento complexo. Que é, afinal, um homem? Experimentem responder a esta pergunta. Nós, que em momentos de introspecção acurada, e até mórbida, desconhecemos o que nós próprios somos, jamais conseguiremos penetrar nesse turbilhão assustador e fascinante que é a alma de outro homem. Não há, sequer, «homens simples». Há, sim, seres humanos, todos diferentes, usando

máscaras diversas consoante as ocasiões e as exigências de uma ética que varia constantemente.

(Luzes.)

(Surge, no centro, o actor que interpretará Bocage, iluminado por um projector. Todo o palco estará em completa escuridão, além da luz deste projector.)

BOCAGE:

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão de altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio e não pequeno.

Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que à ternura;
Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno;

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento
E sòmente no altar amando os frades,

Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Saíram dele mesmo estas verdades,
Num dia em que se achou mijando ao vento.

(Luzes.)

NARRADOR: Assim se definiu Bocage, na sua veia satírica e amargurada. A sátira, o espírito burlesco, eram uma arma contundente e o escudo que o defendiam da vulnerabilidade das cicatri-

zes que lhe marcavam a alma. (*Ligeira pausa.*)
Que mundo veio essa criança encontrar?

1.º PALHAÇO: A Espanha compra a Luisiana à França, troca a Florida por Havana e reconquista Manila e as Filipinas.

2.º PALHAÇO: Terminou a construção da Madeleine, em Paris.

3.º PALHAÇO: Catarina II, da Rússia, confiscou as propriedades eclesiásticas, passando a pagar um salário ao clero — para o privar de poder político.

1.º PALHAÇO: Na França, Tresaguet desenvolveu um método revolucionário de construção de estradas.

2.º PALHAÇO: João Sebastião Bach dá uma série de recitais em Londres.

3.º PALHAÇO: Madame de Pompadour posa para Boucher, um grande acontecimento na corte.

4.º PALHAÇO: O economista francês Turgot publica um livro da maior relevância, que os pobres não podem ler e os ricos ignoram: *Reflexões sobre a Formação e Distribuição das Riquezas*.

NARRADOR: Mas principiemos de uma maneira formal, que é como quem diz, pelo princípio aparente. Um homem nem sempre nasce no dia em que rasga o ventre de sua mãe. Mas simplifiquemos a nossa história... Digamos que Bocage nasceu nesse dia 15 de Setembro de 1765, o dia em

que, como ele próprio afirmou, surgiu do «cárcere materno em hora escura».

(Bocage senta-se.)

(Luzes.)

FIGURA (com máscara, lendo documento):
Certifico que no livro de registos de nascimento referente ao ano de 1765 existe o registo seguinte: «Às 10 horas e 20 minutos do dia 15 de Setembro de 1765, numa casa da Rua Bartissol, desta vila de Setúbal, nasceu um indivíduo do sexo masculino, a quem foi posto o nome de Manuel Maria, filho de José Luís Soares de Barbosa e Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage. (Sai.)

(Luzes.)

NARRADOR: Manuel Maria era o quarto de seis filhos do casal constituído pelo bacharel Soares de Barbosa e D. Mariana Joaquina, filha de um vice-almirante francês que veio combater ao lado das forças portuguesas contra a Espanha e que, terminadas as hostilidades, por aqui ficou e constituiu família, tendo casado com a filha do cônsul holandês residente em Setúbal. (Pausa.) Todos os homens têm infância, esse período difícil — mais angustioso do que risonho e despreocupado, em muitos casos — que os molda, os define, os marca. E aos dez anos de idade a morte — única companheira fiel de Bocage — marcou-o

para sempre, levando-lhe a mãe. Mais tarde, referir-se-ia Bocage a este golpe.

(Luzes.)

BOCAGE (*ajoelhando*):

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Túbal no empório celebrado,
Em sanguíneo carácter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dois lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, enfim, meu fado,
Dos irmãos e do pai me pôs distante.

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da Pátria, longe da ventura,
Minhas faces com lágrimas inundo.

E enquanto insana multidão procura
Essas quimeras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.

NARRADOR: Numa antevisão sublime das conclusões obtidas pelas psicanálises, Camilo Castelo Branco referia-se ao trauma resultante do desaparecimento da Mãe no espírito impressionável e sensível do pequeno Manuel Maria:

(Luzes.)

(*Surge Figura, com máscara, lendo.*)

C. C. BRANCO: «Resgatou-se Bocage, por vezes, da sua escravidão das turbas, refugiando-se

a sós na dor da saudade ou nos raptos religiosos, que os tinha ardentíssimos como todos os infelizes. O episódio da 'saudade materna' ressuma sinceras lágrimas; e o grito da alma aflita, vibrado como recurso extremo a Deus, nas horas em que o poeta, entrado na agra consciência do seu perdido destino, nos está insinuando quão diverso seria Bocage se, na mocidade, mãos amigas e experientes lhe alisassem as asperezas da vereda que estorva e irrita o génio irreconciliável com as condições positivas da vida.»¹

(Luzes.)

NARRADOR: Mas onde estavam essas mãos amigas? Onde estão estas mãos amigas que alissem as asperezas da vereda? Nunca se encontram onde as procuramos... Bocage não constituiu excepção. (*Ligeira pausa.*) Voltemos a Manuel Maria. Falemos da sua adolescência. Se fosse o primogénito, teria, como seu irmão, Gil Francisco, seguido um curso superior e teria ingressado na Universidade de Coimbra. Assim, teve de contentar-se com uma instrução fundamentalmente caseira, ou particular, o que não quer dizer que fosse inferior. Assimilou, graças a uma inteligência cedo revelada, todos os ensinamentos que lhe eram ministrados. Mas o seu espírito, de uma irrequietude constante, levou-o a procurar nova vida. E assim, no dia 22 de Se-

¹ Textual.